

Dimensões mnemônicas: reflexões sobre a memória coletiva do movimento estudantil universitário cearense(1956-1964)

Frederico de Andrade Pontes¹

Ao reinterpretar e ressignificar as memórias de ex-militantes do movimento estudantil universitário cearense, da primeira década do Diretório Central dos Estudantes(DCE) da Universidade do Ceará, percorremos um interessante caminho de reflexões acerca das formas de constituição da memória coletiva, a partir das representações criadas pelas memórias dos entrevistados. Estas representações confluíram, em grande parte, para o que denominamos de dimensões mnemônicas, nesse sentido, estas são memórias que se inter cruzam em um passado vivenciado coletivamente e que nos trazem elementos que ajudam a perceber novos ângulos da realidade passada. O presente trabalho apresentará reflexões que dizem respeito ao conceito de memória coletiva, buscando compreender de que forma é possível identificar as relações conceituais entremeadas na experiência prática da pesquisa com as memórias dos ex-militantes. Para isso, fundamentamos nossas reflexões ao dialogar com os trabalhos de Halbwachs (2004), Fentress e Wickham(1992), numa perspectiva sociológica da memória, em paralelo também intercambiamos pensamentos com autores da psicologia da memória, como Brewer(1988), Morris(1977). Esses diálogos foram relacionados com nossas percepções sobre às entrevistas realizadas na pesquisa sobre o Movimento Estudantil Universitário Cearense e a formação das dimensões mnemônicas.

Palavras-chaves: Memória Coletiva, Movimento Estudantil, Dimensões Mnemônicas

¹ Mestre em História Cultural pela Universidade Estadual do Ceará/UECE

Ao realizarmos trabalhos de pesquisa histórica com fontes orais, em geral percebemos a capacidade destas de ampliar o campo de análise de determinada realidade. Ao analisarmos as entrevistas realizadas com algumas lideranças do movimento estudantil da Universidade do Ceará do período de 1956 à 1964, a própria memória dos entrevistados emergiu como objeto de investigação histórica.

Essa forma da memória se expressar torna mais perceptível a complexidade da vida humana no momento de construção de uma imagem de si mesmo. Interessante perceber que a “interação entre a experiência pessoal e o fio histórico dos acontecimentos possibilita ao pesquisador rever os dados e interpretações já estabelecidas” (GOMES, 1988, p. 08)

Não obstante, percebemos nessas representações do passado, que quando se trata de memória, não existem fronteiras claras entre temporalidades ou entre reminiscências do individual ou do coletivo². Para Ricoeur, existe entre os dois pólos, da memória individual e da memória coletiva, um plano de referência no qual se operam concretamente as trocas entre memória viva das pessoas individuais e a memória pública dos grupos os quais pertencemos. (RICOEUR, 2007, p. 141)

Nas memórias analisadas, será corriqueiro perceber representações que se encontram nesse plano. Memórias que *a priori* carregam forte referência à experiência vivenciada em comum pelo grupo, porém, também expressando particularidades de uma história de vida única e singular.

Nas páginas que seguem, realizaremos reflexões sobre a construção dessa memória coletiva, a partir das representações criadas pelas memórias dos entrevistados. Estas representações confluíram, em grande parte, para o que denominamos de dimensões mnemônicas, nesse sentido, estas são representações das memórias que se inter cruzam

² Vale ressaltar que a escolha dos entrevistados é baseada na compreensão de que as memórias individuais e coletivas são entrelaçadas e mediadas por experiências sociais. Isto posto, ao escolhermos entrevistados que foram lideranças do movimento, considerando suas experiências de socialização política, esperamos aprofundar questões relacionadas à cultura política do movimento, principalmente na perspectiva da memória coletiva do movimento estudantil. Dessa forma, mesmo considerando a influência das vivências individuais reinterpretadas nas memórias de cada entrevistado, percebemos alguns fios que conduzem à memória coletiva do movimento. Esses fios, denominaremos de dimensões memoriais. Para efeito da pesquisa, dimensões memoriais serão consideradas as temáticas (conciliação, ressentimentos, disputas e ação políticas e de reconhecimento) que emergiram das memórias dos militantes. Estas dimensões memoriais revelam a complexidade, subjetividade e descontinuidade das memórias analisadas.

em um passado vivenciado coletivamente e que nos trazem elementos que ajudam a perceber novos ângulos da realidade passada.

Reflexões sobre o conceito de memória coletiva

Quando refletimos sobre a questão da memória, a primeira vista acreditamos ser uma fenômeno individual, algo de certa forma íntimo, experiências próprias de uma pessoa vivencidas individualmente. Após décadas de estudos e pesquisas sobre a constituição da memória, percebeu-se que a memória se constroem também coletivamente. Além disso, verificou-se que a memória está sujeita à flutuações, mudanças, transformações constantes.

Um dos expoentes teóricos da chamada memória coletiva é Maurice Halbwachs(2004), que iniciou seus estudos ainda na década de 1920. Para Halbwachs, a pessoa que recorda é sempre um indivíduo inserido e povoado por grupos de referência, nesse sentido, a memória é sempre construída em grupo, porém é também, sempre, um trabalho do indivíduo.

Na realidade, não existe uma competição entre memória coletiva e individual, existe uma complementação de elementos que tornam a memória de um indivíduo, também coletiva, já que a todo momento a pessoa está inserida na dinâmica de algum grupo social: Familiar, Escolar, Profissional, Político, etc...

Nessa perspectiva, Halbwachs denominará esses grupos sociais, como grupos de referência. Que segundo ele, são grupos do qual a pessoa já foi integrante e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos e vínculos afetivos, identificando-se e confundindo-se com o seu próprio passado. A ideia de que o grupo está sempre presente para o indivíduo, mas não necessariamente pela sua presença física nele, porém pela oportunidade que a pessoa tem de resgatar as formas de pensamento e a experiência comum próprias do grupo em questão.

Quanto mais intensidade das relações sociais vivenciadas em determinado grupo, maior a possibilidade de potencializar as imagens que constroem as lembranças da pessoa em relação a vivência nesse grupo, nesse sentido, concordamos com o pensamento de Halbwachs que conflui para compreensão de que a lembrança é sempre resultado de um processo coletivo e está sempre situada num contexto social específico.

Em outra perspectiva, principalmente no que se refere a interpretação das memórias, Fentres e Wickhan(1992) nos trazem mais elementos para refletimos sobre

como se realiza o processo de constituição da memória. Sem perder de vista as contribuições de Halbwachs, estes pesquisadores ampliaram as possibilidades de análise sobre a construção da memória coletiva, em especial relacionadas a influência dos comportamentos sociais, das linguagens e da contextualização das recordações numa perspectiva antropológica da memória.

Vimos que há memória social porque há significado para o grupo que recorda. Mas a maneira como esse significado se articula não é simples. Demos a nossa atenção ao contexto narrativo como orientação para a estruturação, e, portanto, para fixação, das formas de memória. Mas saber que tipo de coisas são recordadas prioritariamente e porque é uma questão igualmente importante. Os acontecimentos podem ser mais facilmente recordados se couberem nas formas de narrativa que o grupo social tem já ao seu dispor(...). Mas tendem a recordarse, em primeiro lugar, pelo seu poder de legitimar o presente, tendo tendência a ser interpretadas de maneiras que seguem de perto(muitas vezes defrontam) as presentes concepções do mundo...(FENTRESS e WICKHAM, 1992, p. 112)

Não obstante, Fentress e Wickham continuaram seguindo os caminhos deixados por Halbwachs, no sentido de que a memória é uma reconstrução do passado no presente. Sua característica de contingência implica dizer que a memória é reconstruída no presente sob as demandas do presente. Eles concluem que a memória não se preserva integralmente no decorrer do tempo e não pode ser considerada um retrato fiel ou testemunha privilegiada das experiências do passado; pelo contrário, a memória passa por um processo de contínua atualização das lembranças no presente.

Contudo, é necessário ter em mente que não é apenas a percepção no presente que determina a construção das imagens do passado: as próprias percepções sobre o presente são construídas no decorrer da vida. A bagagem que acumulamos no decorrer das experiências de vida: o aprendizado, o conhecimento de novas palavras, etc...São elementos utilizados para interpretar as imagens do passado segundo as necessidades e possibilidades que nos são dadas no momento em que o evocamos.

Dimensões Mnemônicas: o encontro da memória individual com a coletiva

Nossa experiência, em relação às memórias dos entrevistados na pesquisa sobre o movimento estudantil em questão, faz com que percebamos, a partir da consideração de todos os elementos acima expostos e também das especificidades inerentes às memórias dos entrevistados, a existência de certas dimensões mnemônicas que acumulam

significados e imagens reveladoras de uma confluência de percepções presentes sobre o passado vivenciado por estes indivíduos.

Nas páginas que seguem, analisaremos algumas questões que surgiram a partir das narrativas das lideranças estudantis entrevistadas. Destacaremos principalmente os aspectos que emergiram da interseção entre a memória individual e coletiva e que nos fazem refletir sobre a memória coletiva do movimento estudantil que atuou na Universidade do Ceará, entre os anos de 1956 a 1964.

Identificamos quatro dimensões mnemônicas acerca das experiências vivenciadas e resignificadas pelos entrevistados, são elas: memórias de conciliação, memórias de reconhecimento, memórias de disputas e ação política, memórias de res(sentimentos).

Memórias de conciliação: Nada mais se parece com a Igreja que o partido comunista...

Ao rememorar as relações entre jucistas e comunistas, José de Freitas, importante liderança da JUC, traz em suas reminiscências uma representação conciliadora em relação aos principais grupos que disputavam a liderança do movimento, no início da década de 1960, PCB e JUC .

Nada mais se parece com a Igreja que o partido comunista, são duas instituições extremamente parecidas, em tudo, tudo mesmo (...) A autoridade dá a ordem em cima e a turma obedece embaixo(...) A relação entre os estudantes universitários comunistas e os estudantes católicos foi da melhor qualidade. Foi uma das coisas mais saudáveis do Brasil. (José de Freitas, 2008).

Na realidade, quando se disputa a liderança política de um movimento social, os conflitos são inerentes ao processo. Com cada lado defendendo uma forma de atuação política e de priorização de objetivos. É possível ocorrerem momentos de integração entre grupos opostos em certos espaços, em certos períodos . No entanto, a constante conciliação ou harmonização dos grupos que disputam entre si o poder não nos parece uma realidade viável.

Não obstante, podemos ampliar também as possíveis motivações que existem na espreita dessas representações. Na narrativa de Leorne Bélem, acadêmico de Direito ligado à UDN, a reminiscência de um fato político importante traz à tona uma representação de conciliação não só entre grupos, também com a Administração da Faculdade. Em uma Faculdade tradicionalmente marcada por acirradas disputas políticas

pela liderança do movimento, este relato contradiz essa realidade e nos faz refletir sobre como esses grupos se comportavam e atuavam politicamente.

Em uma certa ocasião, eu me lembro bem, o Luis Carlos Prestes estava em Fortaleza e o Tarcisio Leitão e outros de esquerda queriam trazê-lo para uma palestra na Faculdade de Direito. O Dr. Andrade Furtado me chamou, eu era presidente do D.A. Ele que era um homem muito sensato e profundamente religioso, me falou que era inadmissível a presença de Luis Carlos Prestes na Faculdade de Direito e não gostaria que o DA promovesse essa palestra. Mas já estávamos envolvidos, eu o tinha convidado. Mas procurei outra alternativa. Falamos com o presidente da Assembléia, na época o deputado Pontes Neto e levamos a palestra para a Assembléia, conseguimos a cessão do plenário da Assembléia Legislativa, para o DA Clóvis Beviláqua realizar a palestra. Havia esse entendimento, o Diretor da Faculdade tinha suas razões, que eram mais de natureza religiosa e pra ele não havia razão e sentido em trazer Luis Carlos Prestes, que era um comunista. Levamos a palestra para a Assembléia Legislativa e demos uma dimensão maior ao evento. Nós nos entendíamos muito bem, não havia escaramuças entre nós e o pessoal de esquerda. Nós dialogávamos muito bem, com o pessoal de direita também...(Leorne Bélem, 2013)

A narrativa de Leorne também deixa transparecer certas representações sobre características de uma cultura política em que a hierarquia e a reverência às autoridades, no caso as universitárias, eram preservadas. Por ocasião da visita de Luis Carlos Prestes à Faculdade de Direito, se faz uma negociação em torno da possibilidade ou não de ser realizada sua palestra no auditório da Faculdade. Em respeito ao Diretor da Faculdade e como havia uma “harmonia” entre os grupos, a palestra foi realizada na Assembléia Legislativa do Ceará.

Não obstante, a memória é feita também de pessoas e personagens que buscam preservar um sentimento de pertença em relação ao grupo, um sentimento que pode ser representado, por exemplo, como uma narrativa que reforça uma percepção de unidade e de continuidade na constituição de identidade de determinados grupos. Segundo Pollak (1992, p. 10) “podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Nesse processo de reconstrução, se destacam as memórias de reconhecimento de si e do grupo.

Memórias de reconhecimento: ...eu lutei pela criação do restaurante universitário, foi no meu tempo... eu criei os primeiros jogos universitários

Ao referenciar sua participação no movimento estudantil, as memórias de Djacir Martins, um dos primeiros presidentes da história do DCE, revelam representações do reconhecimento de sua atuação. Uma atuação marcada pelas realizações no campo da assistência estudantil. Em 1958, foi inaugurado o Restaurante Universitário, e em 1957 se realizavam os primeiros Jogos Universitários da Universidade do Ceará.

Acreditamos que quando cria uma imagem de pertencimento ao movimento e de identidade com ele, Djacir traz em sua memória elementos que conectam sua ação passada com o reconhecimento e valorização dessa participação. Nesse sentido, um elemento importante é a lembrança da sua ação política e das lutas e conquistas do movimento.

Outra forma de reconhecimento da importância do movimento nas memórias dos entrevistados, surge da representação acerca da relação do movimento com seus “adversários” ou “inimigos”. Nos primeiros anos da década de 1960, em plena ebulição dos movimentos sociais brasileiros, cada vez mais o movimento estudantil universitário se polarizava para a esquerda. Ganhava força o discurso anti-imperialista³ e denunciador das injustiças e desigualdades sociais. Nesse contexto, tanto os Estados Unidos da América, quanto a classe burguesa poderiam ser considerados um inimigo em potencial.

Nas memórias de Agamenon Tavares, um fato marcante vem à tona para representar essa força. Ele rememora o ano de 1962, quando por ocasião de um convênio de intercâmbio feito entre o MEC e o Departamento de Estado dos Estados Unidos, foram escolhidos dois representantes do movimento estudantil universitário de cada Estado brasileiro. Agamenon passou dois meses lá e visitou diversas universidades americanas, onde participava de palestras, reuniões e encontros que tinham por finalidade de exaltar a cultura e o modo de vida norte-americano.

... Fomos pra Washington, daí se dá outro momento em que se demonstrava a importância do movimento estudantil brasileiro para o Governo Americano, nós tivemos uma audiência com o secretário de estado Bob Kennedy, passamos 2 horas falando sobre política e América Latina, passamos duas horas com o secretário de Estado dos Estados Unidos em plena crise dos mísseis em Cuba,

³ A produção historiográfica sobre o período revela uma forte influência do ideário nacionalista nos discursos da esquerda brasileira e dos movimentos sociais, ver, por exemplo, a obra Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)(FERREIRA & REIS, 2007). Percebemos através das fontes jornalistas e fotográficas já apresentadas nesta pesquisa a forte crítica ao imperialismo americano por parte do movimento estudantil cearense.

depois nós fomos dar uma entrevista no programa a Voz da América...(Agamenon Tavares, 2010)

A historiografia brasileira sobre o período indica uma forte participação política dos estudantes. Percebe-se uma efervescência dos movimentos sociais urbanos e rurais que tentavam participar efetivamente do jogo político nacional reivindicando reformas de base, como a reforma agrária e a reforma universitária. As lembranças de Valton reforçam esta percepção do movimento daquele período histórico. “Nesse momento a representatividade do Movimento Estudantil era muito grande, nós éramos consultados pelas várias instâncias do poder, tanto local quanto nacional...” (Valton Miranda, 2010)

Memórias de disputas e práticas políticas: *para você ter uma ideia, nós sempre ganhávamos, a gente era mais atuante e era maior...*

A narrativa de Valton Miranda cria imagens importantes acerca das disputas pela liderança política do MEU. Ao considerar a inexistência de jucistas nas ações mais radicais da greve do 1/3, sua memória traz uma representação de prevalência e importância do grupo de estudantes ligados ao PCB, do qual ele fazia parte.

... na greve de 1/3 teve uma série de ações que nós executamos, ações inclusive de boicote da universidade. Aquelas ações que resultaram em corte de energia da faculdade de Agronomia, que era, naquele momento, a mais reacionária (...) Nós cortamos, quebramos o fornecimento de energia para a faculdade de Agronomia, como fizemos também uma outra ação que impediu o funcionamento de Imprensa Universitária, tirando algumas peças fundamentais dos motores... A JUC não participou, até onde eu saiba, dessas ações. Essas ações eram muito mais orientadas e praticadas pelos comunistas, eu sinceramente não me lembro, eu não quero ser injusto e faltar com a verdade, mas eu não me lembro que alguma pessoa da JUC tenha participado disso...(Valton Miranda, 2010)

Valton Miranda expressa através de suas reminiscências, representações sobre um acontecimento que é algo convergente nas memórias das demais lideranças entrevistadas. Para Candau, “cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo “nível de evocabilidade” ou de memorabilidade”(CANDAU, 2011, p. 98). Nessa perspectiva, a greve do 1/3 parece ser representada como marco da trajetória do militante e do movimento, que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação.

Nessa demarcação a greve possui contornos que permanecem nas memórias das lideranças, como o contorno do conflito e da disputa que envolve entre outros aspectos,

os grupos políticos estudantis que atuaram na greve e o papel das entidades representativas durante esse processo grevista. Ou seja, quem foi mais importante na greve do 1/3? A JUC ou o PCB? O DCE ou a UEE?

Mesmo sem descartar diretamente a atuação dos estudantes comunistas, as memórias do jucista Agamenon Tavares também não fazem menção ao papel desempenhado pelos outros grupos nas ações grevistas.

...nós participamos ativamente da vida política de toda universidade. Em 1962, nós tivemos a greve do 1/3, que foi um movimento nacional puxado pela UNE, que brigava por uma participação de 1/3 nos colegiados. Aqui a gente participou ativamente, toda a JUC participou ativamente, foram 84 dias de greve de ocupação. Foi uma estratégia muito bem bolada, nós fizemos uma assembleia à noite, ali onde é hoje a cantina das Ciências Sociais, História. Lá funcionava o restaurante universitário, em cima funcionava o DCE, um consultório médico para atendimento de estudante, um barbeiro, um salão de jogos para os estudantes e no segundo andar, onde é o hoje o CAEN, era residência de estudantes. De forma que fizemos essa assembleia e dividimos as equipes. Aí todo mundo foi para os seus locais, os cursos, as faculdades (...), tinha o campus do Benfica e o Pici. Naquela época não tinha serviço terceirizado, era tudo funcionário (...) foi uma greve que acabou por que o João Goulart mandou o exército ocupar a Universidade...(Agamenon Tavares, 2010)

Nas representações de Agamenon, variados aspectos se mesclam quando narra a história da greve. Aspectos relacionados aos espaços de lazer e assistência que também eram utilizados como espaços de debate político, local das decisões políticas. Estes espaços foram sendo transformados pelos militantes, como uma forma de se integrar ao espaço universitário que era controlado pela Administração Superior, contudo, ao longo dos anos, foram sendo apropriados de diversas maneiras pelo Movimento, inclusive, apropriados também de diversas formas pelas memórias.

Memórias diferentes sobre um mesmo acontecimento têm conotações políticas óbvias e explícitas. Elas constroem narrativas mais coerentes, pragmáticas e coesas em relação às práticas, lutas e disputas políticas, no entanto, também embasam narrativas que fogem à lógica de uma narrativa contínua e coerente. Nessa perspectiva, a memória carrega dentro de si, sentimentos e ressentimentos que perpassam a trajetória dos militantes estudantis.

Memórias de res(sentimentos): ...com o Martins Filho era uma relação conflituosa, porque era um sujeito autoritário...um manipulador nato...

A memória é, portanto, algo que “atravessa”, que “vence obstáculos”, que emerge, que irrompe: os sentimentos associados a este percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes. Não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade e, ainda que a integralidade do passado esteja irremediavelmente perdida, aquilo que retorna vem inteiro, íntegro porque com suas tonalidades emocionais e “charme” afetivo. (SEIXAS in BRESCIANI, 2004; 47).

Dar vazão aos aspectos emocionais percebidos nas memórias dos entrevistados parece ser uma condição bastante desafiadora no processo de interpretação das ressignificações do passado. Para Seixas (2004), a memória voluntária possui, entre suas características, a capacidade de obscurecer os sentimentos, eclipsando as faces contraditórias e descontínuas da memória emotiva.

Por outro lado, a memória involuntária deixa claramente transparecer sua instabilidade e descontinuidade nas lacunas de um passado que se reconstrói continuamente. É nesse processo que surgem os sentimentos ou ressentimentos.

Como veremos posteriormente, estes ressentimentos podem ser percebidos e expressados de formas diferenciadas nas memórias dos militantes. Um fato normal, já que o processo de ressignificação do passado é ligado diretamente às experiências e vivências individuais.

Quando questionamos Manlio Silvestre sobre a relação do Movimento com a Administração Superior da Universidade, as memórias trouxeram sentimentos que fazem transparecer ressentimentos em relação ao reitor Martins Filho. Representação que pode estar relacionada com a percepção já apontada no primeiro capítulo, quando refletimos sobre os novos adversários do movimento, que naquele contexto estariam dentro da própria Universidade.

Com o Martins Filho era uma relação conflituosa, porque era um sujeito autoritário, muito competente em termos administrativos, absolutamente desligado do mundo acadêmico em termos intelectuais, ele não queria saber nada disso, ele era um administrador mesmo, muito competente para administrar, mas muito autoritário e um manipulador nato, ele manipulava, tentava manipular inclusive o Movimento Estudantil. Eu me lembro uma reunião dessas que precederam a greve, lá na reitoria. Discutíamos já tarde do dia, no começo da noite, com todos os presidentes de diretório. De repente Martins Filho com o secretário chega e diz assim:- Atenção, nós temos programado com a(não sei se com a embaixada americana ou USAID) uma viagem das lideranças estudantis para os Estados Unidos e era preciso preencher alguns formulários. Aí saiu todo mundo. Foi preciso eu dar uma bronca enorme. Eu disse: - Não vai ninguém, vamos voltar. Mas ele era um tremendo manipulador, então as coisas evoluíam de forma meio conflituosa com ele, ele controlava o resto do CONSUNI, dos diretores, ele tinha um comando enorme sobre aquilo, inclusive quando ele saiu da Universidade, ele

fez uma manobra que tirou o Prisco Bezerra, que era o candidato natural e colocou outro. Ele era um tremendo manipulador. Ele tomou esse movimento grevista como um ataque pessoal a ele. Ele considerava a Universidade uma propriedade privada, ele tinha fundado, ele era o primeiro reitor, ele tinha feito tudo na luta para criar a Universidade e de repente uns caras tão fazendo essa baderna. Ele considerava aquilo um assunto pessoal. No livro de memórias dele, que ele escreveu, ele me relaciona, ele faz uma menção muito curiosa. Ele não sabia de que lado as coisas vinham, então ele dizia assim: que o presidente do DCE, Manlio era um agente de Moscou pago pelo ouro de Cuba, ele inverteu(risos), o que o pessoal conservador dizia na época, era “agente de Cuba, pago com ouro de Moscou”, ele inverteu(risos)... mas era osso duro de roer o Martins Filho.(Manlio Silvestre, 2012)

As representações que irrompem da memória de Manlio Silvestre estão também relacionadas com a situação em que se encontravam as relações entre o Movimento Estudantil e o reitor Martins Filho. Ao pesquisarmos outras fontes, percebemos indicativos de uma relação desgastada, principalmente no período em que se discutia a reforma universitária.

Estes ressentimentos trazem também representações de fatos que extrapolam o movimento estudantil. Percebe-se nas memórias de José de Freitas um forte sentimento que transparece em seu saudosismo das experiências em relação ao seu profundo envolvimento emocional na JUC e no movimento estudantil, assim como em seus ressentimentos que irrompem como fantasmas das suas reminiscências.

Essas memórias advindas do ressentimento exposto por José de Freitas reforçam significados acerca da atuação política dos jucistas no Movimento Estudantil cearense. É necessário compreender como e porque esses ressentimentos evocavam, no caso, ações contra determinados atores sociais por parte da alta hierarquia da Igreja brasileira.

A ideia da Ação Católica e a da JUC era que o cristão visse como era o mundo e como poderia agir nesse mundo, as questões que eram discutidas era se esta sociedade esta bem estruturada? Os bens que são produzidos são justamente distribuídos?... Eram questões que não possuíam nenhum significado para a maioria dos católicos, mas que para a Ação católica e a JUC tinham significado... Era uma visão diferente, que deveria existir ainda hoje, infelizmente esta visão foi destruída, basicamente por uma pessoa que ainda estar viva, Dom Eugênio Sales. Foi ele o grande responsável pelo destrocamento da Ação Católica no Brasil. No caso da JUC foi um verdadeiro massacre, ele fez questão porque na JUC era um pessoal universitário, que tinha poder de fogo, era gente jovem com capacidade de pensar, ele não suportava isso...(José de Freitas, 2009)

Esta memória em particular reflete bem as questões conceituais comentadas anteriormente. Questões que reforçam nossa percepção que é preciso cada vez mais compreender e dar significado aos sentimentos que também fazem parte da construção

do passado. Sentimentos que revelam detalhes de uma visão do passado que nasce de uma forma quase involuntária.

A memória de José de Freitas expressa de forma exasperada sua percepção do que foi e do que poderia ter sido a Juventude Universitária Católica, nessas reminiscências o ressentimento ganha importância. O devir que não aconteceu e o sonho “destruído”. Um culpado, um inimigo que aqui é representado pela alta hierarquia.

A Igreja progressista em confronto com a Igreja conservadora ou poderia ser o MEU contra a Ditadura. Quem venceu? Quem perdeu? Poderia ser diferente? Poderíamos ter resistido? Talvez estas respostas não tenham importância para a maioria das pessoas, mas para ele tem e talvez sempre tenha.

Reflexões Finais

Pensar a questão da memória de forma problematizada foi um grande desafio na realização dessa pesquisa, pois envolveu um maior nível de complexidade e aumentou significativamente às possibilidades de aprofundarmos as análises. Fato que poderia talvez inviabilizar a problematização estabelecida inicialmente para a pesquisa. Não obstante, essa análise mais complexa da memória enriqueceu enormemente a pesquisa no sentido de apresentar sob novas perspectivas o movimento estudantil universitário cearense.

Especificamente em relação à análise da memória coletiva do movimento, entendemos que ao construir estas significações e imagens sobre o passado e o presente, um elemento se apresentou bastante latente nas representações nascidas das memórias dos entrevistados foi a emoção. Essa realidade gerou a necessidade de dialogarmos - além dos sociólogos, antropólogos e historiadores - com pesquisadores da área da psicologia cognitiva.

Muitos autores defendem que para que a emoção afete a memória, é necessário que haja alguma conexão da emoção com a tarefa que o sujeito tem que realizar. Um conceito interessante foi apresentado por Morris(1977). A noção de transferência apropriada de processamento deu um passo importante na explicação de fenômenos como da explicação dos resultados obtidos nos estudos sobre os efeitos do contexto na memória.

Esta noção aplicada à compreensão do fenômeno da memória dependente da emoção, leva-nos a concluir que os efeitos da emoção na memória são tanto mais marcantes na medida em que o estado emocional que influencia os processos cognitivos

no momento do processamento for parecido ao estado emocional que venha a influenciar as operações cognitivas no momento da evocação da memória.

Em outra perspectiva, Brewer(1988) concluiu que o grau de conservação para os acontecimentos registrados depende da intensidade da emoção vivenciada durante esses acontecimentos, independentes de serem agradáveis ou não e na familiaridade ou não dos acontecimentos. Os acontecimentos emotivos comparados com os não-emotivos são prioritários no processamento, durando mais na memória de longo prazo, tornando-se assim mais acessíveis quando se pretende a sua recordação.

Por fim, refletindo sobre nossa experiência prática em relação à interpretação das memórias dos entrevistados na pesquisa sobre o movimento estudantil, concluímos que na atividade de problematização das memórias ou nas atividades que envolvam a recordação da informação, devemos também levar em conta o contexto externo(como por exemplo o local da entrevista) e interno(como por exemplo a identificação das emoções dos entrevistados ao recordar) em que o processamento da recordação ocorre.

É necessário ressaltar que estamos analisando memórias de momentos que se passaram há mais de cinquenta anos. Acessar estas recordações é uma tarefa complexa e ação de reinterpretar essas imagens e significados nos traz a necessidade de aprofundar também a reflexão sobre a construção de memória relacionada às emoções.

Agamenon Tavares de Almeida - Estudante de Economia, foi presidente do CA do curso de Economia da Universidade do Ceará/Atualmente professor universitário aposentado, ensinou na Faculdade de Economia da UFC – Período que cursou – 1961-1964. Entrevista realizada em sua residência, no dia 25/05/2010, em Fortaleza-Ce.

Djacir de Oliveira Martins - Estudante do curso de Medicina da Universidade do Ceará, foi Presidente do DCE em 1957/Atualmente médico ginecologista aposentado de hospitais do Distrito Federal. Período que cursou - 1956 a 1961. Entrevista realizada em uma sala do Hospital Santa Helena, no dia 12/12/2012 em Brasília-DF.

Leorne Menescal Bélem – Estudante do curso de Direito da Universidade do Ceará, foi presidente do DA Clóvis Beviláqua e vice-presidente do DCE na gestão 1959/60/Atualmente aposentado, foi deputado estadual cearense em três legislaturas. Período que cursou – 1958 a 1962. Entrevista realizada na capela do Hospital Santa Casa de Misericórdia, no dia 22/01/2013, em Fortaleza-CE.

José de Freitas Uchoa - Estudante de Filosofia da Faculdade Católica de Filosofia e da Universidade do Ceará, foi secretario da União Estadual dos Estudantes e líder da Juventude Universitária Católica/ atualmente aposentado, foi Secretario de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de Fortaleza na gestão de Luizianne Lins – Período que cursou – 1961 -1964. Entrevista realizada no gabinete do Secretário de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza, no dia 16/06/2008, em Fortaleza-Ce.

Manlio Silvestre Fernandes - Estudante de Agronomia da Universidade do Ceará, foi Presidente do DCE na gestão 1961/62/Atualmente professor da Universidade Rural Federal do Rio de Janeiro, onde também foi reitor – Período que cursou – 1960 -1964. Entrevista realizada em seu gabinete de Professor na URFRJ, no dia 11/06/2012, em Seropédica-RJ.

Raimundo Hélio Leite - Estudante de Matemática da Universidade do Ceará, foi Presidente do DCE na gestão 1962/63/Atualmente Professor aposentado da Faculdade Educação da Universidade Federal do Ceará, onde também ocupou o cargo de reitor – Período que cursou – 1961 – 1964. Entrevista realizada em uma sala de aula da Faculdade de Educação da UFC, no dia 13/01/2009, em Fortaleza-CE.

Valton de Miranda Leitão - Estudante de Medicina da Universidade do Ceará, foi Presidente do DCE na gestão 1963/64/ Atualmente é Psicanalista na cidade de Fortaleza, foi um dos fundadores do PSB cearense. Período que cursou – 1960 -1965. Entrevista realizada em seu consultório médico, no dia 12/01/2010, em Fortaleza-CE.

Referências Bibliográficas

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos in BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BREWER, W. F. **Memory for randomly sampled autobiographical events**. In U. Neisser & E. Winograd (Eds.), *Remembering considered: Ecological and traditional approaches to the study of memory*, (pp. 32-49). New York: Cambridge University Press, 1988.

Disponível em <http://cco.cup.cam.ac.uk/chapter.jsf?bid=CBO9780511664014&cid=CBO9780511664014A010>

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória Social: Novas Perspectivas sobre o Passado**. Teorema, Lisboa, 1992.

GOMES, Angela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado novo. In ABREU, Martha, SOIHET, Raquel & GONTIJO, Rebeca(Orgs.) **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

KONSTAN, David. Ressentimento: História de uma emoção in BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

MORRIS, Donald C., BRANSFORD, John D. and FRANKS, Jeffery J. **Levels of Processing Versus Transfer Appropriate Processing**. *Journl of verbal learning and verbal behavior*, 16, 519-533, 1977.

Disponível em <https://rehmibpsychology.wikispaces.com/file/view/Morris1977.pdf>

POLLAK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio**”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

_____. “**Memória e identidade social**”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SEIXAS, Jacy Alves de Seixas. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais in BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

THOMSON, Alistair. “**Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias**” In: Projeto História. No. 15, São Paulo: PUC, 1997.

VOLDMAN, Daniele. **A invenção do depoimento oral** in AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.